

Barreiras caídas

SE É CERTO que o problema da propagação do cólera no Brasil não deve ser tratado com alarmismo, nenhuma dúvida pode restar quanto à extrema gravidade do quadro concreto que já se apresenta diante de nós. Os casos confirmados da doença em território brasileiro — no Alto Solimões, fronteira com a Colômbia — ainda são poucos, mas essa ponta de lança de uma invasão que não conseguimos bloquear é o quanto basta para autorizar projeções ameaçadoras do potencial de difusão do em brião colérico em todo o País.

A VERDADE é que a fragilidade do nosso sistema de defesa sanitária, sobretudo pela sua desarticulação dentro dos vários níveis administrativos, tende a permitir os mais livres exercícios de pessimismo.

NÃO É que o Governo esteja desatento e imobilista. O Ministério da Saúde acaba, por exemplo, de liberar Cr\$ 1,5 bilhão para um Programa Emergencial de Saneamento, destinado a criar um cordão sanitário no Amazonas, Acre e Rondônia, a área mais vulnerável à entrada do cólera. Esses recursos tanto atenderão à compra de material sanitário como à melhoria do sistema de abastecimento d'água, procurando, portanto, atacar o problema também pelos aspectos de infra-estrutura.

OPERAÇÕES de emergência dessa natureza têm apenas a deficiência de não compensarem o que o Brasil deixou de fazer como política sanitária de rotina. A administração da saúde pública, no âmbito federal, estadual ou municipal, sempre ocupou lugar secundário e se acomodou nas práticas dispersi-

vas e fragmentárias. Não é por outra razão que hoje vivemos um quadro de regressão nas condições básicas de saúde da população, até o ponto de nos sentirmos seriamente ameaçados por doenças características da Idade Média.

ENDEMIAS e epidemias que já imaginávamos páginas viradas na história do País encontram agora portas abertas para um fácil retorno. Sequer as populações dos grandes centros urbanos escapam à contaminação de doenças típicas da desassistência e da pobreza, como a dengue, a leptospirose, a meningi-

HOUE tempos em que, para pesquisar a lepra, estudiosos brasileiros tinham de deslocar-se até países e regiões distantes. Hoje, basta-lhes visitar algumas das favelas do Rio de Janeiro para que tenham à mão exemplos abundantes do que procuram.

TUDO pode acontecer, porque os muros da defesa natural ou da profilaxia organizada converteram-se numa sucessão de brechas, de resistências caídas.

A BATALHA contra o cólera, todavia, terá que mudar radicalmente esse panorama de capitulação. Estamos diante de um perigo epidêmico cujas conseqüências não se comparam às de nenhum outro da experiência brasileira. Assim, em paralelo com as providências governamentais de detecção da doença, de severa fiscalização das rotas e dos meios de sua transmissão, é preciso que se desenvolva uma campanha educativa capaz de levar a todas as camadas da população mensagens

muito claras e incisivas de prevenção, de advertência e de chamado à participação no esforço comum.

CIRCUNSTÂNCIAS como estas demonstram cabalmente a necessidade de que o Brasil passe em revista as suas estruturas básicas, se é que tem pretensões a alcançar níveis superiores de desenvolvimento.

A CHAMADA hipoteca social, nesses casos, exhibe todo o seu potencial de inércia, e não pode ser ultrapassada com um simples dar de ombros, ou com a velha atitude de quem finge que não vê.

AÇÕES circunstanciais não disfarçam a urgência de uma revisão geral de estruturas, onde a saúde e a educação apresentam-se eternamente como áreas enjeitadas.

O MAIS trágico é que, em ambos os casos, consegue-se às vezes reunir quantias vultosas para aplicação; mas o emprego dessas verbas parece tomar direções tortuosas, sem que se chegue nunca ao objetivo final.

NO caso da saúde, já se mencionou vezes sem conta a verdade de que a prevenção é melhor e mais barata do que a assistência médica propriamente dita. Mas não se viu, até agora, tomar corpo a rede de ambulatórios e de centros de assistência social que permitissem à população atacar os males pela raiz — através de medidas essenciais de higiene primária.

ENQUANTO persistir esse quadro, ofensivas como a do cólera continuarão a ser uma fonte permanente de inquietação e espanto.